

## OS SOFISTAS E A RELATIVIZAÇÃO DA VERDADE

Autor: Marcelo de Sousa Ferreira Alves<sup>1</sup>

**Resumo.** O presente artigo tem como escopo a análise do conceito de verdade em Protágoras e Górgias, os dois maiores sofistas. Para tanto, é necessário, previamente, falar do surgimento da sofística em Atenas, isto é, se perguntar sobre as causas do movimento sofista, sua influência na política ateniense e suas contendas com os filósofos.

**Palavras-Chave:** Protágoras. Górgias. Sofista. Verdade

Abstract: This article has the objective analysis of the concept of truth in Protagoras and Gorgias, the two largest sophists. Therefore, it is necessary to previously speak of the emergence of sophistry in Athens, that is, to wonder about the causes of the sophist movement, his influence in Athenian politics and their disputes with philosophers.

**Keywords:** Protagoras. Gorgias. Sophist. Truth

### INTRODUÇÃO

Os sofistas, numa visão clássica da filosofia, isto é, na história da filosofia, representaram basicamente um momento de negação do pensamento filosófico, ou seja, uma negação da busca da verdade, na medida em que eles (os sofistas) tinham uma postura relativista acerca do conhecimento, da verdade. Basta apenas citar um dos dizeres de Protágoras (o maior e mais conhecido dos sofistas) para que o relativismo nos salte aos olhos: “Protágoras foi o primeiro a dizer que em relação a qualquer assunto há duas afirmações contraditórias e argumentava dessa maneira, tendo sido o primeiro a fazê-lo” (LAËRTIOS; 2014; P. 264). Protágoras, com tal dizer, está a afirmar que não existe um critério absoluto que diga o que é verdadeiro e falso, o critério é relativo

Mas antes propriamente de entrar no relativismo sofístico, deve-se, para minimamente entender o surgimento da sofística em Atenas, deter-se, mesmo que brevemente, nas causas que levaram seu aparecimento. Foram basicamente duas causas: *Políticas e Sociais*.

---

<sup>1</sup> Graduado e mestre em filosofia pela UFC (Universidade Federal do Ceará). Atualmente professor substituto do IFCE (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Fortaleza). E-mail: [filosofomarcelo@yahoo.com.br](mailto:filosofomarcelo@yahoo.com.br)

## 1. O SURGIMENTO DA SOFISTICA EM ATENAS

É com Sólon em 594 a.C. e depois propriamente com a reforma de Clístenes 510 a.C., que, do ponto de vista político, Atenas torna-se o modelo de espaço político através o nascimento da *democracia*. Em uma de suas várias reformas para instaurar a democracia em Atenas, Clístenes cria as duas mais importantes instituições políticas: *Boulé* e a *Ekklesia*:

*A Boulé*, tribunal que cuidava de assuntos cotidianos da cidade ou das relações entre cidadãos, era o concelho de quinhentos cidadãos sorteados, a cada reunião, entre os membros de todos os *demói*, sorteio que assegurava a todos o direito de, periodicamente, participar diretamente das decisões da *pólis*. A *Ekklesia* era a Assembleia Geral de todos os cidadãos atenienses, na qual eram escolhidos por voto os magistrados, discutidos e decididos publicamente os grandes assuntos da cidade, sobretudo os concernentes à guerra e paz. Para assinalar o caráter igualitários da vida pública, Clístenes fez construir um espaço circular – num local chamado Pnyx – no qual se reuniam a *Boulé* e a *Ekklesia*. (CHAUI; 2002; p.133)

Embora a *Boulé* e a *Ekklesia* garantam ao cidadão ateniense participação *ativa*<sup>2</sup> na *pólis*, mulheres, crianças, estrangeiros e escravos estavam excluídos da cidadania, diferentemente das democracias modernas. Dois princípios fundamentais nasceram oriundos da democracia: a *isegoría* e a *isonomia*.

*A isonomia*, isto é, a igualdade de todos os cidadãos perante a lei, e a *isegoría*, isto é, o direito de todos os cidadãos de exprimir em público (na *Boulé* ou na *Ekklesia*) sua opinião, vê-la discutida e considerada no momento da decisão coletiva. (CHAUI; 2002; P. 134).

Na política todos tinham as mesmas informações sobre o conteúdo do debate, quais suas leis e etc. possuindo os mesmos direitos e sendo iguais, apontando como tirano todo aquele que fosse contra esses direitos. Segundo Giovanni Casertano, ainda se acrescentaria, além da *isegoría* e a *isonomia*, a *parrhesia*, isto é, “a possibilidade concreta de dizer livremente aquilo que se quer, e é o termo que mais apropriadamente caracteriza a ordem constitucional democrática em Atenas.” (CASERTANO, 2010, p. 16). Desta forma, os cidadãos atenienses, perante a lei, eram todos iguais, tinham todos o direito a

---

<sup>2</sup> Pois não votavam em representantes, como hoje se faz em nossa atual democracia. Os atenienses representavam a si mesmos.

fala nas assembleias e, além disso, poderiam falar e se expressar livremente sobre qualquer assunto.

Com a democracia os cidadãos tinham o poder de elaborar leis e escolher governantes que iriam garantir a estabilidade da pólis. Assim, *a palavra*, que era um bem comum a todos, surge como *a principal arma de poder grega*, o instrumento que fundamenta a gestão da cidade. Tudo era submetido à discursões, ao debate contraditório, podendo ser repreendido com argumentos de qualquer cidadão. *A política se fazia no discurso do cidadão*, e por isso o grande valor e estima que os gregos tinham ao discurso. Mas, depois de algum tempo, o discurso parece ter se transformado em sentido de disputa, de combate com regras nas assembleias. Se a política se fazia pelo exército da palavra, conhecer os poderes das palavras sobre outrem passou a ser um interesse comum a todos. Eis um solo fértil para uma colheita sofisticada.

(...) essa mediação política impõe todavia novas exigências e novas habilidades: a exigência de homens capazes de sustentar e de fazer prevalecer uma tese, impondo-a à maioria da assembleia e, portanto, a exigência de homens que possuam uma “técnica” do discurso, ou seja, uma “habilidade” não necessariamente ligada a certa classe social. Os sofistas se apresentam, então, em primeiro lugar, como “novos mestres”, aqueles que satisfazem a essa a essa nova exigência do “saber falar”, que não é uma exigência puramente retórica, mas tem um claro valor político e social: expressar-se de modo convincente, obter consenso, fazer valer as próprias razões, significava libertar-se de um complexo de inferioridade em relação às classes aristocráticas tradicionalmente detentoras do poder e do consenso. (CASERTANO, 2010, p.17).

Como dito na citação acima, os sofistas se apresentam como “novos mestres” que ensinaram a arte do bem falar aos desprivilegiados das classes menores que não sabem se expressar nas assembleias. Segundo conta Diôgenes de Laértios foi Protágoras:

“o primeiro a distinguir os tempos dos verbos, a enfatizar a importância de aproveitar o momento oportuno, a organizar debates de oratórios, a ensinar os contendedores o uso dos sofismas. (...) e foi o criador das discursões erísticas. (...) Ele foi ainda o primeiro a distinguir quatro tipos de discurso: súplica, pergunta, resposta e comendo; segundo outros autores, Protágoras distinguiu sete tipos: narração, pergunta, resposta, comando, enumeração, súplica e invocação, que chamou de bases fundamentais do discurso” (LAËRTIOS; 2008; P. 265).

A sofística não foi propriamente uma doutrina, mas sim um modo de ensinar. Como bem percebeu Chauí: “Os sofistas foram os primeiros professores pagos na história

da educação” (CHAUI; 2002; p.161). Na Atenas democrática os jovens eram educados para terem uma vida política, para exercer sua cidadania da melhor forma possível, e isso era o que os tornavam virtuosos. Virtude (*areté*) e cidadania, então, estão intimamente ligados na Atenas democrática. E se quisessem ser virtuosos ou excelentes como cidadãos não bastava apenas falar, mas saber falar. Sendo assim, os sofistas não se apresentavam apenas como mestres ou professores de um assunto qualquer, mas de mestres e professores de *areté*, isto é, professores da virtude. Os sofistas ensinavam a arte de ser cidadão.

Uma outra questão é de extrema importância acentuar, os sofistas eram muito criticados pelos oligarcas e aristocratas que acreditavam que somente podia ser cidadão por natureza e que ninguém poderia ensinar a cidadania<sup>3</sup>. Mas as críticas se davam porque eles temiam que as classes sociais baixas pudessem dominar as assembleias vencendo-os nos debates. Os oligarcas e aristocratas apelavam para o autóctones, ou seja, o mito pelo qual os atenienses justificavam para si mesmos e para os outros suas antiguidades, afirmando que são os únicos gregos legítimos e que nenhum estrangeiro (os sofistas eram estrangeiros) podia ensinar a virtude.

Em suma, as causas que proporcionaram o surgimento dos sofistas em Atenas se deram por questões políticas e sociais. Mas o sofista como professor ou educador constituiu apenas *um aspecto do movimento sofístico*. Um dos outros aspectos que os sofistas trouxeram à luz, pela primeira vez, foi *a consciência da relatividade dos valores*, como veremos a seguir, que é basicamente o ponto da crítica dos filósofos.

## 2. CONSIDERAÇÕES PREVIAS SOBRE OS SOFISTAS

São dois os principais sofistas: Protágoras de Abdera e Górgias de Leontini. Há, infelizmente, apenas fragmentos de suas obras, o que temos mais sobre eles são doxografias de seus inimigos. Protágoras e Górgias são os mais importantes porque os sofistas posteriores não se dedicaram às razões teóricas de seu relativismo, de seu discurso, como bem percebeu Brochard:

Todos os sofistas, mas principalmente os do segundo período, foram sobretudo professores de retórica, de política, de não importa outra ciência, ou antes, de não importa que arte; teriam acreditado perder seu tempo e seu esforço caso

---

<sup>3</sup> Isso era resquícios dos antigos sistemas de governo em Atenas, pois antes da democracia o governo oscilava em tirania, oligarquia e aristocracia.

houvessem se dedicado em demonstrar que nada é certo. (BROCHARD, 2009, p.29)

Mas quando se trata de Protágoras e Górgias, diz Brochard:

Protágoras e Górgias são, é verdade, os fundadores da erística: esta procede deles em linha reta; mas eles souberam deter-se a tempo neste caminho: eles têm ainda uma seriedade de pensamento, uma direção de conduta, um cuidado lógico que os coloca muito acima de seus indignos sucessores. Em Platão, que não é suspeito, Sócrates jamais fala deles sem consideração: chega até a enviar discípulos a Protágoras. Somente eles, entre os sofistas, são também filósofos. (BROCHARD, 2009, p. 30-31).

Como foi dito na citação acima, apenas Protágoras e Górgias “entre os sofistas, eram também filósofos”. Bem, eram também filósofos porque pensaram teoricamente os fundamentos de seu relativismo, não apenas o praticavam, como os que se seguirão. Havia algo articulado, rigorosamente pensado, isto é, havia uma filosofia por trás de suas práticas. É-nos quase que impossível observar os argumentos de Górgias sobre o não-ser e não encontramos por trás um brilhantes pensamentos filosóficos, mesmo que tal pensamento vá em contraste com a busca da verdade.

Em suma, dentre os sofistas, Protágoras e Górgias merecem destaque por suas posições teóricas e fundamentais acerca de suas práticas relativistas. Desta forma, nos subtítulos posteriores, falaremos deles individualmente.

### 3. OS SOFISTAS

#### 3.1 PROTÁGORAS DE ABDERA<sup>4</sup> (491/81? a.C) E O RELATIVISMO DOS VALORES

Os sofistas, do ponto de vista filosófico<sup>5</sup>, emergiram em um ambiente onde as especulações intelectuais filosófica sobre a *physis* (natureza, isto é, totalidade do real)

---

<sup>4</sup> Realizou várias visitas a Atenas. Foi muito estimado por Péricles, foi também acusado pelos atenienses de ateísmo ou impiedade, pois afirmava que os deuses e a religião existiam por convenção. Parece ter morrido aos 70 anos em um naufrágio, mas sobre isso não se sabe ao certo. Restam apenas fragmentos de sua obra *Sobre a verdade e sobre o ser e Sobre os deuses*.

<sup>5</sup> Isto é, do ponto de vista da preocupação filosófica, ou dos problemas com os filósofos. A preocupação dos filósofos com os sofistas se davam acerca de seus fundamentos relativistas sobre a verdade, sobre o conhecimento, coisa que a política e a sociedade grega democrática parecia não se preocupar, na medida que eles visavam apenas as práticas sofisticas. Neste artigo está claro, a meu ver, uma separação acerca dos sofistas vistos do ponto de vista da política e da sociedade e, posteriormente, de assuntos filosóficos. Esta separação é possível na medida que Platão, por exemplo, diferentemente de algumas interpretações, não

chegaram a se anularem mutuamente, ou seja, dos desacordos entre as especulações filosofias da *physis*, que tinham se esgotado em si mesmos, nasce a proposta sofística. Os filósofos pré-socráticos, inspirados por um desejo natural ao conhecimento tentaram buscar na *physis* à *arché* (isto é, o princípio, o fundamento, a causa primeira, o que governa todas as coisas). Em suas buscas, surgiram diversas respostas para o que seria *arché*, respostas conflitantes entre si, que só aumentavam, ao ponto de se esgotarem mutuamente. A partir daí, começa a nascer uma consciência de não ser possível falar de uma verdade absoluta:

A relação entre homem e realidade que o circunda e, portanto, a própria vida humana – as suas tensões, a sua organização – não são mais concebidas num esquema fixo e imutável, mas são entendidas como uma criação contínua, em sentido não unívocos, numa obra que exige o empenho contínuo e cansativo para seu melhoramento (CASERTANO, 2010, p. 19).

Para uma consciência relativista não bastou apenas, evidentemente, os conflitos filosóficos, mas também o amor pelas viagens e pelas descobertas de povos distintos. Os sofistas eram também viajantes sem lar:

Por um lado, adquire-se a consciência de que usos e costumes, entre os vários povos, ou até entre as várias cidades gregas, podem ser diferentes ou até opostos, sem que isso comporte de per si um juízo de valor; (CASERTANO, 2010, p. 19-20)

É apenas com Protágoras que nasce essa consciência relativista, por um lado, o relativismo acerca do conhecimento pelo esgotamento das filosofias pré-socráticas, por outro, a relatividade dos valores de uma sociedade qualquer, fazendo assim Protágoras assentir ao seu mais famoso dizer: “O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são que elas são, das coisas não são que elas não são” (LAËRTIOS, 2014, p. 264)

Dizer que o “homem é a medida de todas as coisas” é assumi-lo como critério do que é “verdadeiro” e do que é “falso”, isto é, é o mesmo que dizer que não existe, em si mesmo, um critério absoluto que possa determinar o que seja verdadeiro e o que seja

---

levanta críticas ao sistema democrático grego por causa dos sofistas, mas sim pelo próprio sistema em si mesmo que privilegia a opinião (*doxa*). Mesmo que os sofistas não existissem, o problema da democracia permaneceria em Platão, Sócrates ainda seria morto. Eventualmente, não se nega a contribuição dos sofistas para o fortalecimento da democracia, proporcionando calorosos debates para quem os pagassem, mas não foi através deles que as críticas dos filósofos acerca do sistema político se deram. Platão se pergunta, depois da morte de Sócrates (que era o mais sábio entre os homens, segundo o oráculo de Delfos), se a democracia seria a melhor forma de governo, já que deliberadamente matou o homem mais sábio.

falso, pois para o homem as coisas são como lhe aparece, por exemplo, um vento pode soprar frio para uma pessoa e quente para outra. Mas, podemos nos perguntar, afinal, o vento é quente ou frio? Protágoras responderia que é quente para quem disse ser quente e frio para quem disse ser frio, desta forma o homem é o critério que determina as “coisas que são que elas são, e as coisas não são que elas não são”

(...) a verdade não é algo dado uma vez para sempre, não é algo que possa ser revelado por sábios ou profetas, nem pode consistir nas tradições míticas transmitidas de geração em geração; ela consiste, pelo contrário, numa relação dialética com os fatos, com a realidade, que cada homem em particular instaura vez por vez, segundo sua idade, suas disposições, sua situação histórica. (CASERTANO, 2010, p. 51)

Do princípio *homem medida* (métron ánthropos) nos encaminhamos para um outro princípio que dirá coisa semelhante, “Protágoras foi o primeiro a dizer que *em relação a qualquer assunto há duas afirmações contraditórias*<sup>6</sup> e argumentava dessa maneira, tendo sido o primeiro a fazê-lo” (LAËRTIOS; 2014; P. 264). Para cada assunto há, pelo menos, duas afirmações contraditórias, isto é, pode-se defender teses contrárias sobre qualquer assunto, e além do mais, sendo as duas, mesmo que contrárias, verdadeiras. Como no exemplo anteriormente citado, embora para um, o vento é quente, e para outro, frio, os dois discursos são verdadeiros, mesmo que contraditórios, podendo defendê-los ao mesmo tempo.

Protágoras assume as aparências (o fenômeno) como verdadeiras, na medida que para cada um (o homem como medida) o que aparece é o que é, mesmo que os discursos sejam contraditórios. Tudo, sendo assim, para Protágoras, é verdadeiro, seguindo o que foi dito.

No Protágoras há, pois, a plena valorização da experiência sensível, da *verdade* das aparências, do fenômeno e, por tanto, da relatividade da verdade: cada um tem sua verdade, porque cada um tem as suas sensações, diferentes da do outro, sobre as quais constrói seus juízos e os seus discursos; e se cada um sente num certo modo, e no seu discurso expressa sempre esse seu sentir, dirá sempre sua relativa verdade: não pode existir um discurso falso, porque cada um diz aquilo que é verdadeiro para ele, naquele momento, naquela situação, naquela disposição. (CASERTANO, 2010, p. 52)

---

<sup>6</sup> Itálico meu.

Segundo tudo que foi dito, para Protágoras, a pergunta sobre o que é verdadeiro ou falso, certo ou errado, em si mesmo, isto é, independentemente das aparências<sup>7</sup>, não faz nenhum sentido. No mais o que o sofista pode falar é sobre o que é útil e inútil<sup>8</sup>. Bem, não se trata em Protágoras de perguntar o que é o útil em si mesmo, já que essa pergunta se remete à uma essência, independentemente das aparências. O útil aqui é prático, não teórico. Por exemplo: Atenas é famosa por ter bons governantes, já Esparta por ter os melhores guerreiros, desta forma o que é mais útil para Atenas não é para Esparta e vice-versa. Sendo assim, o sofista tem que saber o que é mais útil em cada caso.

Reale faz uma ressalva acerca disso, ele percebe bem que:

Se o homem é a medida do verdadeiro e do falso, não é, ao contrário, medida do útil e do prejudicial. Noutros termos, parece que, enquanto o homem é a medida com relação à verdade e à falsidade, é medido com relação a utilidade: parece, pois, que o útil deve-se reconhecer uma validade objetiva (embora não absoluta). *O bem e o mal são, respectivamente, o útil e o prejudicial; o melhor e o pior são o mais útil e o mais prejudicial.* (REALE, 1994, p. 206).

Segundo a citação acima, o sofista é moldado pelo meio, ou seja, o contexto no qual se encontra o mostrará o que é mais útil e o prejudicial. O sofista, então, ensinará não só a arte da erística, deixando o seu aluno apito às discursões políticas, mas também ensinará a um médico, por exemplo, o medicamentos mais úteis a ser usado em determinado caso. Havendo, assim, por parte de Protágoras, uma aparente preocupação que os sofistas posteriores não terão. Desta forma, merece ser pago e muito bem pago.

Em suma, com Protágoras observamos um novo discurso. Anteriormente voltado a *physis* com os pré-socráticos, o discurso sofisticado está agora direcionado ao homem, e ele próprio (o homem) sendo o critério das “coisas que são como elas são, e as coisas que não são como elas não são”. O relativismo protagoriano foi a primeira reação, que depois será assumida pelos céticos pirrônicos<sup>9</sup>, contra a tentativa otimista e dogmática da filosofia em alcançar a verdade absoluta, querendo dar conta da realidade em si mesma.

### 3.2. GÓRGIAS DE LEONTINI<sup>10</sup> (490-380), NADA É

---

<sup>7</sup> Crítica da filosofia aos sofistas.

<sup>8</sup> Mostrando um caráter prático de discurso.

<sup>9</sup> De uma forma muito diferente, claro, mas ainda carregando certas influências sofisticadas.

<sup>10</sup> Foi discípulo de Empédocles, conheceu as ideias dos pitagóricos. Foi embaixador de Leontini e veio pedir a Atenas ajuda contra o tirano de Siracusa. Sua obra *Da natureza ou seja do Não Ser*



O discurso de Protágoras<sup>11</sup> será mais rigorosamente trabalhado por Górgias, apesar de que no cerne de seu discurso não há tanta diferença do de Protágoras, mas será brilhantemente mais elaborado.

A obra *Sobre a natureza ou sobre aquilo que não é* representa um dos mais radicais manifestos de antimetafísica e de antidogmatismo da nossa história cultural. Historicamente, ela se apresenta como crítica a um dos baluartes da construção científica parmenídea, a da identidade entre ser e pensar. Parmênides dissera que somente “aquilo que é” pode ser expresso e conhecido, porque o ser e o pensar são a mesma coisa; “aquilo que não é”, portanto, não pode ser pensado nem expresso. (CASERTANO, 2010, p. 63)

Górgias, como foi dito na citação acima, vai de encontro, com sua crítica, a um dos maiores pilares da filosofia pré-socrática, a saber: Parmênides. Parmênides dissera que só o ser é, só o ser pode ser pensado e dito, já que pensar, dizer e ser são a mesma coisa. O não-ser, por sua vez, não sendo nada, não pode ser pensado nem expresso<sup>12</sup>. Segue-se o raciocínio de Górgias<sup>13</sup>:

- 1) nada é;
- 2) mesmo se alguma coisa fosse, não seria compreensível para o homem;
- 3) mesmo se fosse compreensível, não seria comunicável e explicável aos outros.

A primeira explicação: Mesmo se alguma coisa “é”, isto ou é somente “aquilo que é”, ou “aquilo que não é”, ou “é aquilo que é” e “aquilo que não é” juntos. “Aquilo que não é” não é, supondo que seja, ele ao mesmo tempo seria e não seria. Desta forma, se demonstra (a) que “*nada é*”. Supondo que seja, seria e não seria ao mesmo tempo, desta forma se demonstra (b) “*mesmo se alguma coisa fosse, não seria compreensível para o homem*”. Mesmo supondo possível ser pensado, enquanto comunicável “é”, logo “não seria”, “sendo e não sendo ao mesmo tempo”, demonstrando assim (c) *mesmo se fosse compreensível, não seria comunicável e explicável aos outros*.

Segunda explicação: Mas nem mesmo “aquilo que é” é, porque, se é, ou é eterno, ou é gerado, ou é eterno e gerado ao mesmo tempo. Mas se é eterno, não tem princípio,

---

<sup>11</sup> A retórica.

<sup>12</sup> Não cabe aqui me deter na explicação da teoria do ser em Parmênides, visto que se trata propriamente da crítica do Górgias. Desta forma, está como que pressuposto o conhecimento da tese de Parmênides.

<sup>13</sup> A exposição dos argumentos de Górgias que aqui se seguirá, será a mesma exposição que Giovanni Casertano fará em seu livro *Sofista*, sendo assim, qualquer semelhança não é mera coincidência. Resolvi expor sua explicação, na medida que acredito ser mais completa e mais simples.

porque por definição é “ingenerado”. E não tendo princípio, é ilimitado, e portanto não é em lugar nenhum; e se não é em lugar nenhum, se quer é. Se, ao invés, é gerado, ou nasceu “daquilo que é”, ou nasceu “daquilo que não é”; mas não pode nascer “daquilo que é”, de fato [“aquilo que é”] é “aquilo que é”, não nasceu mas é; nem pode ter nascido “daquilo que não é”, porque este não pode gerar nada. De modo que “aquilo que é” não é gerado. Nem, enfim, é eterno e gerado ao mesmo tempo, porque esses termos excluem-se mutuamente. Portanto, se não é eterno, nem gerado, nem eterno nem gerado ao mesmo tempo, “aquilo que é” não pode ser.

Como bem percebeu Chauí, Górgias:

Joga com os dois sentidos do verbo ser: o verbo ser substantivado (o ser) e significando existência (é = existente), e o ser “enfraquecido”, como verbo de ligação entre sujeito e predicado. (CHAUÍ; 2002; p.174)

Górgias possibilitou outra significação do verbo *ser* que, diferentemente dos eleatas que apenas entendiam o *ser* como significando existência e realidade, passou também a significar verbo de ligação sujeito e predicado. Sendo assim, Górgias rompe com a identidade entre ser, pensar e dizer. Dizer que nada é, é o mesmo que dizer que nenhum discurso é verdadeiro.

#### 4. CONCLUSÃO

Embora Protágoras e Górgias tenham chegado a conclusões opostas, Protágoras assumindo que todo discurso é verdadeiro e Górgias que nenhum discurso é verdadeiro, eles dizem coisas semelhantes. Partem da retórica, da erística. Dizer que tudo é verdadeiro ou que tudo é falso é propor um relativismo como fundamento ou critério do discurso sofisticado, sobrando a ação sofisticada pautada no útil.

As características do discurso sofisticado são: relativismo (não há um critério absoluto no qual possamos nos apoiar), subjetivismo (a “verdade” é para cada um como lhe aparece), utilitarismo (sobre o que se deve discursar é o útil), convencionalismo jurídico (as leis, crenças (sobre o justo ou injusto), a religião, a igualdade ou desigualdade são por convenções (*nómus*<sup>14</sup>) e não por natureza (*physis*).

---

<sup>14</sup> Costume.

## **BIBLIOGRAFIA**

BROCHARD, V. *Os Céticos Gregos*. São Paulo: Editora Odysseus. 2009.

CARSERTANO, G. *Sofista*. São Paulo: Editora Paulus. 2010.

CHAUÍ, M. *Dos Pré-Socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Editora Companhia das letras. 2002

LAÊRTIOS, D. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2014.

REALE, G. *História da Filosofia Antiga II*. São Paulo: Edições Loyola. 1994.